

O desenho urbano de Maringá e a idéia de cidade-jardim

Renato Leão Rego

Departamento de Engenharia Civil, Universidade Estadual de Maringá, Av. Colombo, 5790, 87020-900, Maringá, Paraná, Brasil. e-mail: rrego@uem.br

RESUMO. Este trabalho analisa o desenho urbano da cidade de Maringá, Estado do Paraná, Brasil, diante da proposta inglesa de cidade-jardim. A análise entre a forma urbana de Maringá, a idéia original de cidade-jardim e as soluções formais construídas nas novas cidades inglesas (Letchworth e Hampstead), e compiladas por Raymond Unwin em seu tratado de desenho urbano, permitirá compreender as aproximações, influências, distanciamentos e ajustes dos princípios daquele tipo urbano no projeto de Jorge de Macedo Vieira.

Palavras-chave: cidade-jardim, Maringá, Jorge de Macedo Vieira, desenho urbano, urbanismo.

ABSTRACT. **The city plant of Maringá and the concept of the garden city.** This paper analyses the city plant of Maringá PR Brazil, comparing and contrasting it with the English design of a garden city. Analyzing the city plant of Maringá, the original idea of a garden city, the formal solutions applied in new English towns such as Letchworth and Hampstead, compiled by Raymond Unwin in his treatment of urban designs, the research forwards the influences, similarities and adjustments involved in the principles of the city type in Jorge de Macedo Vieira's urban design for Maringá.

Key words: garden city, Maringá, Jorge de Macedo Vieira, urban design, urbanism.

Muita gente se refere à Maringá, Estado do Paraná, como uma cidade-jardim ou, quando menos, como uma cidade relacionada a este tipo urbano. Até que ponto é válida esta afirmação? Que referências à cidade-jardim percebemos de fato em Maringá? Que procedimentos projetuais aproximaram estas duas formas urbanas? O objetivo deste trabalho é analisar a forma urbana de Maringá à luz dos princípios para a 'cidade do amanhã' estabelecidos por Ebenezer Howard (1996) na virada do século XIX e formalizados por Raymond Unwin (1984) e seu sócio Richard Barry Parker no início do século XX, no projeto das cidades-jardins inglesas de Letchworth e Hampstead, para então podermos esclarecer a questão proposta.

Material e métodos

Com base na leitura dos textos de Howard (1996) e de Unwin (1984) e na análise dos seus projetos, serão revistos os princípios da cidade-jardim, seus elementos formativos e sua estrutura, para então passar à observação do espaço urbano maringaense e poder confrontar o desenho urbano da nova cidade inglesa com a malha urbana de Maringá, considerando nesta análise morfológica os seguintes tópicos: meio natural suporte; traçado da

malha urbana; eixos estruturadores; espaços públicos abertos como fator de hierarquização e qualificação dos espaços urbanos e espaços privados - quadras e lotes.

Resultados e discussão

As idéias inglesas de cidade-jardim

A proposta de Howard: planejamento urbano e territorial

A proposta de cidade-jardim publicada por Ebenezer Howard em 1902 sob o título *Garden Cities of Tomorrow* não se referia a um modelo espacial e sim a um esquema teórico de uma cidade autônoma, de gestão comunitária, de dimensão limitada por extensa faixa agrícola que a circundava e que, caracterizada por altas taxas de áreas verdes, seria uma alternativa para o caos e decadência urbanos da Inglaterra do final do século XIX.

Howard (1996), menos interessado e envolvido com as questões próprias do desenho urbano, talvez pela sua própria formação, estava mais empenhado numa solução para o problema urbano que proporcionasse moradia digna para as classes trabalhadoras. Deste modo, apresenta não uma forma urbana, mas um diagrama de assentamento para 32.000 habitantes em sua área urbana de 400

hectares e 2.000 habitantes em terrenos agrícolas, ocupando 2.020 hectares. O esquema da cidade apresentada no diagrama, que Howard (1996) enfatizou não se tratar de plantas definitivas, mas de um conceito que a realidade, com suas peculiaridades geográficas, daria a configuração definitiva, consistia em estrutura circular dividida em seis setores. Estes setores seriam delimitados por seis bulevares arborizados, com 36 metros de largura, que se irradiariam desde o parque central e se estenderiam até o perímetro externo, circundado pela ferrovia que, após envolver a cidade, se transformaria em estrada de penetração no ambiente rural. Completariam a estrutura viária da Cidade-Jardim cinco avenidas, também arborizadas, concêntricas ao Parque Central.

De acordo com este planejamento urbano e territorial de Howard, a terra agrícola deveria ser adquirida pela comunidade organizada. O empréstimo que financiaria essa compra seria amortizado por meio de cotas de participação de menor valor do que o custo usual do arrendamento da terra ou aluguel de imóvel urbano, mesmo que nestas cotas estivessem embutidos os custos de construção da infra-estrutura urbana, dos edifícios comunitários e da manutenção do empreendimento. Neste caso, o solo urbano rural passa a ser patrimônio coletivo dos moradores da cidade; ninguém se torna proprietário da sua casa, comércio ou terra rural. As cotas de participação, pagas mensalmente, habilitariam o contribuinte a usufruir o terreno, além de contribuir para a amortização do empréstimo obtido, financiar a construção da infra-estrutura urbana, sistema viário, edifícios públicos e sustentar a manutenção e a administração da cidade, ou seja, o lucro do empreendimento seria revertido para a própria comunidade.

Lançada a proposta caberia a outros a construção formal desta idéia de cidade moderna.

As idéias de Unwin: um tratado sobre o desenho urbano

Raymond Unwin e seu sócio Barry Parker foram os responsáveis pela materialização das idéias de Howard. Juntos projetaram as cidades-jardins de Letchworth (1904-06) Hampstead¹ (1905) de acordo com o esquema proposto por Howard, seguindo sua proposição de vida comunitária e cooperativa, imprimindo a estas cidades um desenho informal das ruas, distanciando-se de configurações

geométricas rigorosas de tradição clássico-renascentista, acentuando a idéia de convívio com a natureza, propiciando um ambiente acolhedor, pitoresco, imaginado e construído em uma escala mais reduzida, que remetia diretamente às idéias urbanas de Camillo Sitte (1992).

Em 1909, depois destas duas experiências fundamentais, o urbanista Raymond Unwin publica *Town planning in practice: an introduction of the art of designing cities and suburbs*, no qual reflete sobre a forma urbana ao longo da história para em seguida definir as práticas do desenho urbano orientado pelo caráter artístico da construção da cidade, face ao empobrecimento estético e qualitativo e à uniformização observada na produção recente de cidades e bairros.

Na verdade, o *Town planning in practice* pouco tem da cidade-jardim idealizada no esquema de Howard, sendo efetivamente um tratado de desenho urbano. Neste tratado, encontram-se soluções formais e sugestões de procedimentos no desenho da cidade já experimentadas na composição da cidade-jardim, que então se transformou em um tipo arquitetônico (alternativo à cidade racionalista), uma configuração urbana cuja forma-base passou a ser empregada e reformulada em todo o mundo, abandonando o ideal de Howard concentrado nos princípios de uma vida comunitária e cooperativa.

Na introdução à segunda edição do seu livro, Unwin (1984:5) esclarece as diretrizes que orientam sua proposta urbana empenhada em “encontrar uma bela forma de expressão para a vida da comunidade”. Unwin trata da individualidade da forma urbana como uma qualidade positiva, extraída, sobretudo, da especificidade do lugar, defendendo a utilização conjunta da regularidade natural do desenho ordenado com a igualmente natural irregularidade do caráter do sítio. Neste trecho do texto, fica clara a influência de Camillo Sitte no ‘A construção das cidades segundo princípios artísticos’ que “segue as lições da História, mas recusa a tradição haussmaniana de alinhamento retilíneo, propondo em contrapartida sequências construídas organizadas de modo orgânico, assimétrico e variado, explorando as particularidades do terreno” (Lamas, 1993). Mas Unwin não esconde os efeitos negativos da adoção indiscriminada do traçado regular ou do traçado irregular e por isso vai defender a beleza de ambos, apontando as características e potencialidades de cada um destes partidos, sem excluir a possibilidade de sua adoção conjunta.

Nos capítulos seguintes deste livro, o autor trata de temas urbanos desde o ponto de vista formal, indicando soluções projetuais a partir de exemplos

¹ Howard estava ligado ao projeto e à viabilização de Letchworth, mas nada tinha a ver com Hampstead, uma área localizada ao norte de Londres que, embora imaginada inicialmente como uma comunidade, não era prevista como autônoma e configurava-se como um subúrbio da capital inglesa.

analisados e avaliados de acordo com as características do desenho e os efeitos que imprimem à forma urbana. Unwin aborda a questão da escolha do lugar para o centro da cidade, a definição formal da praça, a relação centro da cidade/prança/estação ferroviária, o modo de agrupar os edifícios públicos e sua posição em relação à praça central, a determinação do centro principal e a escolha dos centros secundários em correta proporção e relação com ele, a organização da rede principal de ruas em relação e proporção adequada com os centros principais e secundários, que dividem a cidade em diversas zonas, a definição das principais linhas de comunicação entre centro e centro, entre o centro principal e o subúrbio que o rodeia, entre as áreas residenciais e os núcleos de comércio ou emprego, o ajardinamento das vias, os cruzamentos, as dimensões recomendadas para as quadras e os lotes.

Barry Parker, os bairros-jardins da Cia. City em São Paulo e o Engenheiro Jorge de Macedo Vieira

Unwin e Barry Parker trabalharam juntos nos projetos de Letchworth e Hampstead, sendo que para esta última projetaram, em 1907, 270 *cottages* e 24 apartamentos e, em 1909, 406 *cottages* e 90 apartamentos. Durante a guerra, Parker fez projetos no Porto em Portugal e, em 1917, veio para São Paulo encarregado de desenvolver projetos de loteamentos para a *City of San Paulo Improvements and Freehold Land Company, Limited*², ou 'Cia. City', como ficou mais conhecida a empresa inglesa ligada a empreendimentos imobiliários. Neste período, Unwin esteve ligado à comissão que realizou os estudos que culminaram no *Tudor Walter's Report* (1917/1918), "o ato normativo britânico que passou então a regular, desde a escolha de locais para construções, até recomendações de materiais, passando por agenciamento, largura e orientação de ruas, ajardinamento, por tipos habitacionais, dimensão e orientação dos cômodos, regras de economia e mais todas as etapas concernentes à edificação de boas unidades habitacionais" (Wolff, 1998:35).

É notável a sintonia entre Unwin e Parker neste período. Nos bairros paulistanos que projetou para a Cia. City durante sua estada em São Paulo, "a argumentação apresentada por Parker para a escolha e acomodação dos terrenos, seu respeito à natureza, as relações propostas entre as casas, as ruas e os jardins expressam evidentemente a trajetória do

pensamento que embasava este tipo de solução urbana e sua obra anterior em colaboração com Unwin. Mas, além disso, é a mesma que está presente no ato normativo inglês em cuja elaboração, paralelamente, Unwin estava tendo participação" (Wolff, 1998:35), ecoando os princípios de desenho divulgados em seu livro.

Os bairros Jardim América, Alto da Lapa (1921), Pacaembu (1925), Butantã (1935) estão entre alguns dos empreendimentos levados a cabo pela Cia. City., tendo estado Parker diretamente envolvido com o projeto dos três primeiros nos dois anos que permaneceu no Brasil. Na Cia., seu trabalho abarcava as tarefas de desenhar os bairros de acordo com seus terrenos, propor alterações na legislação de forma a permitir sua implantação, estabelecer zonas para a construção de casas assim como seus projetos arquitetônicos, além de opinar na elaboração das estratégias de vendas das terras da companhia.

Jorge de Macedo Vieira (1894-1978), formado em Engenharia Civil pela Escola Politécnica de São Paulo em 1917, já estagiava junto à Cia. City no último ano do curso e aí trabalhou até 1920. Tendo iniciado sua vida profissional na companhia na mesma época em que Parker lá trabalhava, Vieira não deixou de sofrer a influência das idéias e das soluções formais do tipo *garden city* desenvolvidos nos loteamentos da empresa, como se pode ver na análise do seu projeto para Maringá.

Projetos urbanos de Vieira foram executados em São Paulo, em bairros como Chácara da Moóca, Parque Edu Chaves, Vila Nova Manchester, Jardim da Saúde, Jardim Japão; em Campinas (Vila Isa, Nova Campinas e Chácara da Barra), Osasco (Vila Campesina) e Rio de Janeiro (Jardim Guanabara). Foi ele também o autor dos planos urbanísticos da cidade nova balneária de Águas de São Pedro (1943), em São Paulo, e de duas das cidades novas de colonização do Norte do Estado do Paraná - Maringá (1947) e Cianorte (1955).

O desenho de Maringá

A Companhia de Terras Norte do Paraná e o projeto da cidade

Maringá é uma cidade ex-novo. Diretamente associada a um grande empreendimento agrícola e imobiliário, ela é decorrente da marcha pioneira que avançou em direção ao norte do Paraná e à região noroeste de São Paulo na primeira metade do século XX, tendo como eixo as linhas ferroviárias então abertas e trazendo consigo os grandes cafezais no lugar da mata atlântica.

A Companhia de Terras Norte do Paraná (CNTN), empresa privada de capital britânico,

² Em 1912, a empresa com escritórios em Londres, Paris e São Paulo, possuía 37% do perímetro urbano de São Paulo.

subsidiária da inglesa *Paraná Plantation Company*, vendida a um grupo nacional em 1939, quando então passou a ser chamada Companhia Melhoramentos Norte do Paraná, promoveu o planejamento territorial da região, com o parcelamento das áreas rurais e a instalação de uma rede de cidades com cerca de 69 sedes de municípios (Barnabé, 1989:62), sob forte influência das concepções do *town and country planning* formuladas pelos urbanistas ingleses.

A solução dada pela Companhia à ‘espacialização’ do território tomava a artéria traçada pela ferrovia percorrendo os espigões como elemento estruturador e dividia cada uma das bacias hidrográficas em lotes compridos e estreitos, cujas extremidades atingissem, de um lado, o rio e, do outro, a linha de “cumiada”. A estrutura agrária com lotes de dimensões limitadas - 10 a 15 alqueires, em geral -, consoantes com as exigências da topografia, é melhor compreendida quando se adota o ponto de vista prático do vendedor de terras: visava como compradores em potencial chefes de família de recursos modestos, imigrantes recém-chegados. A estratégia da Companhia para o estabelecimento da rede de cidades - um plano geral de ocupação - foi manter a estreita relação entre as vias de comunicação e as aglomerações e a regularidade na distância entre os assentamentos urbanos: cidades planejadas para se tornarem grandes centros prestadores de serviços, posicionados sempre a uma distância de 100 km entre si, e cidades menores, planejadas como centros de abastecimento da população rural, com no máximo 15 km de distância entre si.

O engenheiro Jorge de Macedo de Vieira, encarregado pela Companhia do projeto de Maringá, imprimiu ao desenho da cidade o caráter das soluções do tipo *garden city*, influenciado pelo convívio profissional com Parker. Em seus desenhos, Vieira revelou uma grande sensibilidade não só para com os princípios formais da cidade-jardim determinados por Unwin, como também para a natureza do lugar que nunca visitou, nem preliminarmente aos seus estudos, nem mais tarde para conhecer a cidade construída que havia idealizado, tomando por base somente o levantamento topográfico da região. Entretanto, a paisagem antrópica construída aí respeitou todas as particularidades e potencialidades que o cenário natural lhe oferecia.

Aspectos formais da cidade-jardim no desenho urbano de Maringá

a) Meio natural suporte: o território e as preexistências

Para a escolha do sítio e o traçado da cidade de Maringá, tomaram-se como referência três preexistências fundamentais: a linha férrea no sentido leste-oeste e dois pequenos vales posicionados na face sul (Figura 1). Estes dois vales foram delimitados como parques urbanos, preservando as duas nascentes aí existentes, e entre eles posicionou-se o centro da vida comunitária numa área praticamente plana, de acordo com as diretrizes de Unwin (1984:117), figurando como o elemento principal do plano.

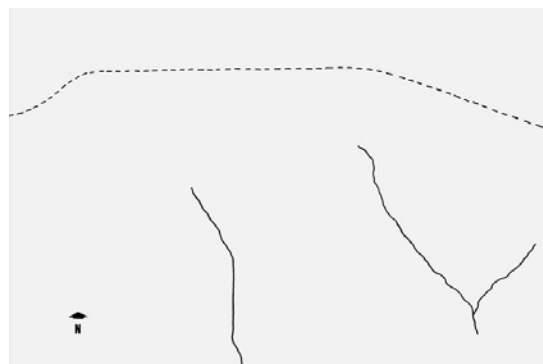


Figura 1. Esquema da ferrovia e dos dois vales que caracterizavam o sítio. Fonte: croqui do autor

Segundo Unwin (1984:140), para se escolher “um lugar adequado para o centro principal de nossa cidade ou distrito, além de sua relação com a entrada principal e com as linhas de tráfego, devemos ter em conta que é desejável que seus edifícios estejam bem situados e se distingam desde o mais distante possível. Isto sugerirá a escolha do topo de (...) algum terreno elevado, mas nunca deverão ser excessivas nem a altura nem a pendente do acesso, pois em ambos os casos o fluxo do tráfego tenderá a ficar muito desviado da posição central”.

Esses procedimentos adotados no projeto da cidade de Maringá vão subsidiar sua individualidade urbana, tal como a defendia Unwin (1984:22). Em um extenso capítulo do seu tratado de desenho urbano, ele trata da individualidade de cada cidade como uma das características mais positivas da sua forma urbana: própria personalidade da cidade, relacionada àquelas **características arraigadas que nascem da natureza do cenário**, das cores dos materiais de construção locais, da vida de seus habitantes e de muitas outras circunstâncias, que consideradas em conjunto, dão aquele sabor particular e peculiar a cada forma urbana.

b) Traçado da malha urbana: entre o regular e o irregular

Essa valiosa individualidade alcançada pela aproximação do desenho urbano às condições naturais do lugar transformava-se em ‘irregularidades artisticamente organizadas’, outrora valorizadas por Sitte (1992) como ponto positivo nas configurações do espaço urbano. Unwin (1984:93) retomou este ponto, não defendendo o ‘formalismo irregular’, mas insistindo na consideração das características do sítio e das irregularidades decorrentes delas, ponderando sempre a beleza extraída das duas categorias: o regular e o irregular.

Em suas considerações, conclui que “parece provável que adaptação ao meio e à função, ou como a denominamos, o ajuste da forma, se não dá como resultado necessário à beleza, constitui ao menos a base sobre a qual é muito possível que apareça. Ainda que devido à inter-relação de numerosas e complexas influências a natureza inalterada dá lugar a uma beleza que poderíamos denominar irregular, não por isto podemos assumir que a beleza resida na simples irregularidade (...) nem deduzir de dita premissa que a regularidade não vá produzir beleza”.

Mas adverte ao formalista que seu desenho deve estar subordinado à implantação, à ondulação do terreno e à presença de elementos naturais a serem preservados por sua beleza, o que demandará freqüentemente um certo distanciamento da absoluta regularidade. Tal regularidade, quando presente na idéia do urbanista, deve ser considerada como um método de levar à prática intenções precisas, mas não um objetivo em si mesmo que justifique a destruição da beleza existente ou a criação de regularidade *per se*.

Enfatiza o autor que o desenho ordenado pode considerar uma gama variada de combinações em seus limites. E neste caso é importante ressaltar o extremo cuidado de Vieira ao desenhar as concordâncias entre retas e curvas na malha urbana maringense.

As curvas de nível foram determinantes para o desenho da cidade, uma vez que foi a partir delas, da pendente do terreno e da configuração topográfica, que se definiu a forma urbana alongada e o traçado orgânico como diretrizes para as principais vias. Percebe-se aí que o diálogo com o ambiente natural demandou um traçado irregular na maior parte da malha urbana (Figura 2), que, não obstante, pôde cobrar regularidade, simetria e rigidez no centro da cidade, o principal elemento da composição (Figura 3), onde a finalidade, o caráter e a importância do espaço público cobravam certo formalismo e monumentalidade, garantindo o “caráter artístico” do desenho urbano e forjando a individualização do

desenho da cidade a partir das características naturais.

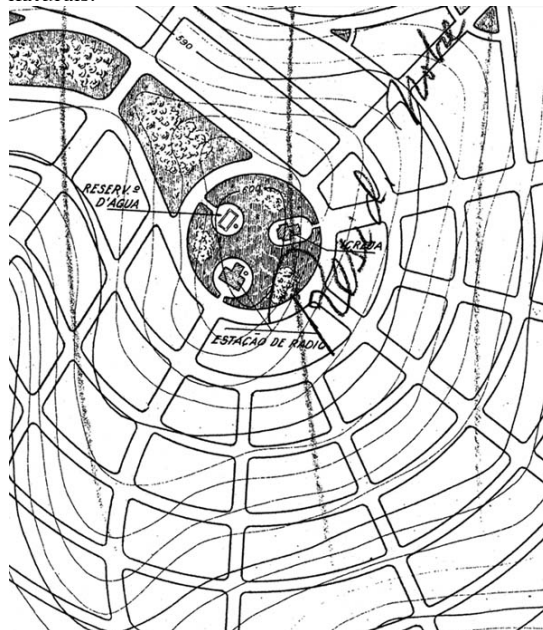


Figura 2. Detalhe do mapa topográfico com malha urbana sobreposta: zona 5. Fonte: Museu da Bacia do Paraná

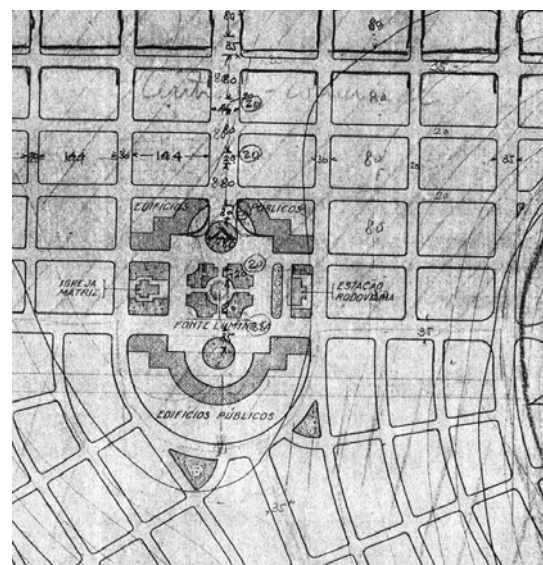


Figura 3. Detalhe do anteprojeto: centro da cidade. Fonte: Museu da Bacia do Paraná

- c) Eixos estruturadores: a organização das vias principais e a circulação.

Vieira estabeleceu um desenho viário bastante simplificado, a fim de “conferir ao plano uma personalidade própria” (Unwin, 1984:174), uma vez que a atenção à natureza do terreno forçou uma

certa irregularidade na estrutura principal da rede viária (Figura 4).

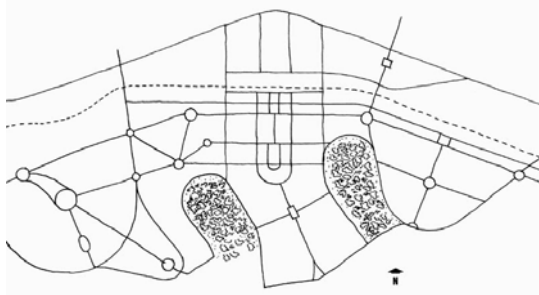


Figura 4. Esquema de vias principais e circulação urbana. A ferrovia tracejada, as ruas e avenidas principais em traço cheio. Fonte: croqui do autor

O quadrilátero formado pela ferrovia ao norte e os bosques a leste e oeste delimita a área central de traçado regular, coroada pelo centro cívico no lado oposto à estação ferroviária. Acompanhando paralelamente a linha férrea, uma avenida corta a cidade no sentido leste-oeste.

As vias que deixam o centro e conduzem às zonas secundárias no lado oeste da cidade perdem a regularidade ortogonal e adquirem um traçado consoante com as curvas de nível, logrando variedade com movimento orgânico das pendentes.

No ponto onde convergem as vias principais foi implantado um “espaço circular, ao redor do qual se move o tráfego em uma só direção (...) para facilitar a circulação e conferir efeitos arquitetônicos às diferentes interseções viárias”, conforme as indicações de Unwin (1984:138,140,177).

Os ‘redondos’ - como ficaram conhecidas estas praças - definem áreas verdes, públicas, pontos de articulação do traçado irregular, cruzamento de vias principais. Distinguem-se dos centros secundários sugeridos no anteprojeto da cidade, definidos em cada bairro por outra área verde ‘fechada’ por edificações agrupadas, formando núcleos comerciais que ocupavam posição central no bairro ou ponto estratégico para a construção do espaço urbano, como será apresentado posteriormente.

Na percepção do espaço urbano maringaense é sensível a hierarquia entre as vias principais e secundárias, diferenciadas pela largura (20, 30, 35 e 40 m), pela eventual presença do canteiro central e pela variedade de espécies na arborização (Unwin, 1984:179). Por outro lado, as vias de traçado ortogonal são proporcionalmente mais curtas que as vias curvas e irregulares, menos monótonas e mais variadas. As retas desenhadas pelas primeiras têm definidos seus pontos iniciais e finais, garantindo,

deste modo, um limite e um atrativo à paisagem da rua.

- d) O tratamento dos espaços públicos: hierarquização e qualificação dos espaços urbanos

Aplicando a recomendação do tratado de Unwin (1984:138), a praça central de Maringá não coincide com a praça da estação, ao contrário, fica não muito distante dela, e as duas praças distintas estão conectadas por uma avenida larga e importante. Este eixo arrematado por duas praças destaca-se no desenho da cidade como seu elemento principal: uma via de aproximadamente 46 metros de largura e 600 metros de comprimento, com canteiro central e passeio de pedestres.

As sugestões de Unwin (1984:143) para o desenho e a conformação das praças de sua cidade-jardim estão respaldadas no estudo de Camillo Sitte, que dedica grande parte da ‘Construção de cidades segundo princípios artísticos’ ao exame das praças e a distinguir os princípios que regulamentam seu desenho, recorrendo sobremaneira aos exemplos deixados pela Idade Média, em cujas edificações se pode notar o enfrentamento das irregularidades acidentais com a extração de excelentes resultados, adaptados às circunstâncias, de modo que crescimento espontâneo e desenho consciente parecem ter agido conjuntamente.

Vieira parece reconhecer a recomendação de Unwin (1984:152), sacada de Sitte, de que “as praças não sejam retangulares, mas algo oblongas, mantendo largura e comprimento uma proporção entre si”. Praças circulares, oblongas, em meia lua, triangulares, em certos casos retangulares e com formas menos regulares podem ser encontradas no desenho da cidade, atendendo cada uma à demanda da circunstância em que se inserem. De acordo com uma pesquisa muito recente (De Angelis, 2000a), as praças de Maringá foram caracterizadas em quatro grupos, de acordo com seu uso mais evidente: praças de igreja, de descanso e recreação, de circulação e de significação visual. E depois foram agrupadas em cinco tipos correspondendo à sua conformação: praças conformadas por uma única via (os ‘redondos’ e as praças oblongas); praças conformadas pelo cruzamento de duas, de três, de quatro e de cinco vias.

Nota-se no anteprojeto de Vieira a intenção de respaldar as praças de Maringá com edifícios ao seu redor construindo aquela sensação de fechamento da qual Unwin e Sitte se lembraram entusiasticamente. O que se percebe também, na análise comparativa entre o anteprojeto da cidade e o levantamento do

projeto efetivamente implantado, é que o número inicial em torno de 60 praças foi bastante reduzido.

Recebe ênfase no tratado de Unwin a posição deslocada de edifícios públicos em relação ao centro da praça, e curiosamente o anteprojeto de Vieira posiciona a Catedral de Maringá à direita da praça principal, onde hoje se situa o Hotel Bandeirantes (atendendo também àquela tradição na implantação de igrejas de naves dirigidas ao poente). E, para constituir a praça fechada como recomenda Unwin, Vieira propõe um *crescent* arrematando a praça principal: um edifício público em meia lua na área onde hoje está a Catedral.

Unwin propõe uma hierarquização das partes do desenho da cidade, enfatizando algumas delas e subordinando outras, o que para ele se consegue quando se têm centros bem definidos na forma urbana e quando estas áreas centrais agrupam os edifícios públicos, que deixam então de aparecer indiscriminadamente pela cidade sem acusar outros efeitos que o de contrastar violentamente sua escala e tamanho com os outros edifícios circundantes. Quando agrupados em lugares centrais ou praças e dispostos corretamente, diz Unwin (1984:132), “o resultado final obtido pode ter entidade para impressionar a imaginação e para formar um motivo central genuíno no desenho da cidade”. E pode-se notar aí a sugestão de ‘imaginabilidade’ como potente qualidade do espaço urbano que lhe confere a possibilidade de suscitar uma imagem vigorosa na memória de qualquer observador, mais tarde retomada por Kevin Lynch nos anos 60.

Seguindo esta idéia, e sempre de acordo com ‘A prática do urbanismo’ (Unwin, 1984:138), nota-se que em Maringá os bairros também são dotados de um centro, produzindo o mesmo efeito da área central da cidade em escala menor, atuando como ponto focal da zona, servindo de instrumento de hierarquização dos espaços urbanos, contribuindo para se fazer perceber a identidade da área com clareza.

Muitas das praças da cidade têm sua forma resultante da confluência de vias, como os ‘redondos’, cuja forma circular é determinada pela melhor circulação; resultante também do espaço conseqüente da articulação entre a malha regular e o traçado orgânico de certas partes da cidade, ou ainda foram inseridas deliberadamente para criar o centro secundário de uma zona ou evidenciar a área como ponto focal, e neste caso ganham uma forma desenhada especificamente para o lugar.

Este centro tem, em geral, um fechamento definido por grupos de edifícios públicos ou núcleos comerciais justapostos a áreas abertas, garantindo

aquela sensação característica da praça medieval que Unwin descreveu positivamente em seu tratado.

e) A ocupação urbana: bairros e centros secundários, quadras e lotes

Deste modo, o desenho da cidade mostra uma estrutura polinuclear, articulada numa hierarquia muito clara entre o elemento principal do plano e seus centros secundários.

Pode-se notar aí a força apelativa da malha ortogonal central e o caráter diferenciado de cada um dos bairros subordinados, distintos pelo traçado das vias, delimitados por elementos bem definidos - avenida, bosque, via férrea -, agrupados e organizados em torno de pontos de interesse, geralmente definidos a partir de convergências de vias importantes ou da posição central dentro do bairro, constituindo cada centro secundário um ponto focal, elemento fundamental para a imagem urbana segundo o método da percepção visual proposto por Lynch (1995).

O anteprojeto de Vieira apresenta três zonas residenciais (principal, popular e operária), zona industrial, zona comercial, dependências e armazéns da estrada de ferro e os núcleos comerciais.

Cada um dos bairros apresenta uma praça cercada por seu núcleo comercial (nove pelo anteprojeto de Vieira) alocada junto às vias principais que cruzam a área. No levantamento da cidade datado de 1951, estes núcleos comerciais não estão assinalados, restando saber quando o comércio se desconcentrou e se expandiu ao longo das avenidas, assumindo o caráter de zoneamento funcional que hoje percebemos na forma urbana.

Constava do anteprojeto de Vieira uma série de edificações públicas situadas em quadras inteiras adjacentes a áreas verdes ou em quadras com pequenas praças recortadas e desmembradas da sua configuração como modo de destacar a localização destes edifícios na forma urbana geral do bairro. Neste esquema, pode-se encontrar igrejas, escolas, institutos profissionalizantes, hospitais, asilos, campos de esporte, parques infantis, que acabaram sendo implantados conforme o plano do anteprojeto, mas em menor número, segundo o levantamento de 1951³.

O projeto executado não implementou os centros secundários (Figura 5), cujo papel fundamental no espaço urbano recaiu sobre os ‘redondos’, que acabaram por polarizar áreas

³ No anteprojeto aparecem dois internatos, dos quais apenas um consta do levantamento de 1951; das seis escolas iniciais, ficaram três; o número inicial de três igrejas subiu para cinco; dos dois institutos profissionalizantes restou um; de quatro hospitais, três; de dois asilos, um; de quatro parques infantis, três.

comerciais, além das vias majoritariamente ocupadas por esta função urbana. Com isto, praças conformadas pela agrupação de edifícios comerciais perderam a característica original.

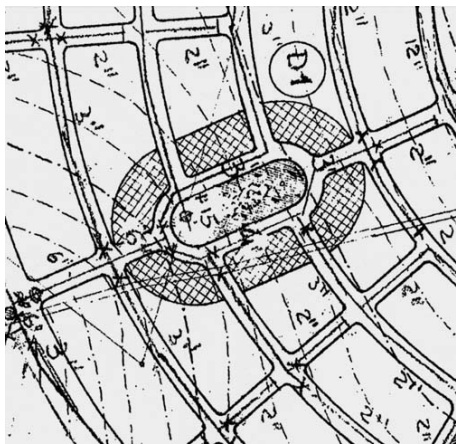


Figura 5. Detalhe do anteprojeto: centro secundário. Fonte: Acervo Museu da Bacia do Paraná

As quadras residenciais e comerciais de aproximadamente um hectare foram desenhadas respeitando o formato retangular (144x80 m em geral), entretanto a não adoção do traçado xadrez imprimiu algumas modificações à forma ideal. Elas foram subdivididas em parcelas de 500 m² em média, reconhecendo a relação indicada por Unwin (1984:232) de 25 a 30 lotes por hectare, dando lugar a jardins privados que ampliam para dentro do lote a massa verde que cobre as largas calçadas públicas.

Os espaços privados originados do parcelamento das quadras estão orientados segundo as curvas de nível, o que define a posição dos lotes naquelas ruas que acompanham os níveis do terreno, de modo a evitar as transversais inclinadas.

f) Arborização e ajardinamento.

A Companhia trouxe a Maringá em 1949 um engenheiro florestal, especialista em botânica⁴ para providenciar a rápida arborização da cidade, que então oferecia uma paisagem desoladora marcada pelas queimadas. O sucesso do empreendimento comercial da Companhia dependia de uma imagem sedutora e a vegetação nativa e exótica que se fez plantar satisfizes aquela condição.

A paisagem urbana ganhou “variedade e encanto”, conforme recomendava Unwin, com a instalação de um canteiro central com uma terceira fileira de árvores nas vias principais, mais largas que

as ruas menos importantes apenas arborizadas nas calçadas laterais. A construção da cidade implementou a arborização urbana como “decoração natural” e, de acordo com os preceitos de Unwin (1984:203), cada via recebeu um tratamento diferente, plantando-se em cada uma um determinado tipo de árvore, distinto do das vizinhas, conferindo a cada via a própria individualidade, rebatendo a uniformização da cidade e, conseqüentemente, seu empobrecimento estético e qualitativo. Deste modo, a vegetação favorece sobremaneira a legibilidade urbana, constituindo um fator positivo na avaliação da imagem da cidade de acordo com Lynch (1995).

Convergindo com as idéias de Unwin, na cidade imaginada por Vieira, as espécies plantadas são variadas: jacarandá mimoso (*Jacaranda mimosaeifolia*), tipuana (*Tipuana tipu*), alecrim (*Holocalyx balansae*), flamboiant (*Delonix regia*), sibipiruna (*Caesalpinia peltophoroides*), ipê roxo (*Tabebuia avellanedae*), tamareira (*Phoenix dactylifera*), figueira branca (*Ficus guaranitica*), grevêlea (*Grevilea robusta*), pau ferro (*Caesalpinia ferrea* var. *leiostachya*), quaresmeira (*Tibouchina granulosa*), manduirana (*Cassia speciosa*), espatódea (*Spathodea campanulata*), palmeira imperial (*Roystonea* spp.) - (Catálogo DPHC, 1995:207), permitindo florações subseqüentes em diferentes partes da cidade durante a maior parte do ano, reforçando o princípio estético do projeto e implementando a qualidade de vida na área urbana. Pode-se, assim, identificar certas avenidas pela sua vegetação característica, como a Avenida Duque Caxias e suas tamareiras no canteiro central; as palmeiras imperiais ladeadas de pau ferro na Avenida XV de Novembro; os flamboiants na Avenida Tiradentes; o ipê roxo na Avenida Brasil; a figueira na Avenida Luiz Teixeira Mendes; o pau ferro na Avenida Rio Branco; grevêlea no canteiro central da Avenida Gastão Vidigal.

O projeto executado implantou cerca de 34 praças na malha urbana - número que, como visto, chegava ao dobro no anteprojeto da cidade, mas que vem aumentando com a expansão urbana, atingindo 99 no ano de 2000. De Angelis (2000b) mostra que a cidade conta hoje com 42 espécies arbóreas em suas praças, além das espécies frutíferas e das 11 espécies de palmáceas⁵.

Afora os dois parques previstos originalmente no projeto da cidade, a Companhia delimitou uma terceira área verde, onde manteve seu viveiro de mudas, hoje transformado no terceiro dos parques

⁴ Luiz Teixeira Mendes, que em 1954 foi substituído por seu assistente Aníbal Bianchini da Rocha.

⁵ A pesquisa quali-quantitativa das espécies arbóreas de Maringá aponta negativamente o fato de que 3 espécies arbóreas respondam hoje por 60% da arborização das praças da cidade.

urbanos de Maringá, somando 137 hectares de reserva na área urbana, contribuindo para a relação de 25,47 m² de área verde por habitante. Ponto de encontro, local de recreação e exercícios físicos, estes bosques são referências na forma urbana, seja como ponto focal ou limite entre os distintos bairros que os cercam, co-responsáveis pela individualidade desta cidade.

Deste modo, sabe-se que a idéia original de Howard de cidade-jardim não perpassa o desenho urbano de Maringá. A prática do urbanismo de Unwin e de Parker em Letchworth e Hampstead, compilada no texto de Unwin e aplicada por Parker nos projetos da Cia. City em São Paulo influenciaram e formaram a prática projetual de Jorge de Macedo Vieira, que adotou as soluções formais e os princípios de desenho daquelas duas cidades na composição da forma urbana maringaense. A consideração das preexistências como base para o projeto, o traçado irregular consoante com as características naturais do terreno, a presença maciça do verde como elemento de composição do espaço urbano, o caráter artístico da malha urbana, em especial o efeito do traçado regular da área central, a forma das praças, a composição pitoresca de edifícios e espaços públicos 'fechados', a estrutura de bairros e centros, as vias e sua caracterização, a valorização da individualidade urbana a partir das particularidades de cada contexto aproximam a forma urbana de Maringá ao tipo cidade-jardim que Unwin e Parker materializaram.

Referências

BARNABÉ, M.F. *Organização espacial do território e o projeto da cidade: o caso da Companhia de Terras Norte do Paraná*. 1989. Dissertação (Mestrado) - Escola de Engenharia de São Carlos, Universidade de São Paulo, São Carlos, 1989.

CATÁLOGO do acervo da DPHC. Maringá: PMM/Divisão de Patrimônio Histórico e Cultural, 1995.

CHOAY, F. *O urbanismo*. 3ed. São Paulo: Perspectiva, 1992.

DE ANGELIS, B. L. D.; DE ANGELIS NETO, G. Os elementos de desenho das praças de Maringá - PR. *Acta Scientiarum*, Maringá, v. 22, n. 5, p. 1445-1454, 2000a.

DE ANGELIS, B. L. D.; DE ANGELIS NETO, G. A vegetação e as praças de Maringá - PR. *Acta Scientiarum*, Maringá, v. 22, n. 5, p. 1455-1461, 2000b.

HOWARD, E. *Cidades-jardins de amanhã*. São Paulo: Hucitec, 1996.

LAMAS, J.M.R.G. *Morfologia urbana e desenho da cidade*. Lisboa: Fundação Calouste Gubelkian, 1993.

LYNCH, K. *A imagem da cidade*. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

SITTE, C. *A construção de cidades segundo princípios artísticos*. São Paulo: Ática: 1992.

UNWIN, R. *La practica del urbanismo*. Una introducción al arte de proyectar ciudades e barrios. Barcelona: GG, 1984.

VIEIRA, J.M. *Entrevista concedida à equipe do Serviço de Recursos Audiovisuais da Secretaria de Educação e Cultura de Maringá*. 1972. Acervo Divisão de Patrimônio Histórico e Cultural da Prefeitura Municipal de Maringá.

WOLFF, S.F.S. *Jardim América. O primeiro bairro-jardim de São Paulo e sua arquitetura*. 1998. Tese (Doutorado) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998.

Bibliografia de apoio

ANDRADE, C.R.M. Ressonâncias do tipo cidade-jardim no urbanismo de cidades novas no Brasil. In: Seminário de História da Cidade e do Urbanismo, 6, 2000, Natal. *Anais...*Natal: UFRN, 2000.

O URBANISMO do engenheiro Jorge de Macedo Vieira. Exposição de trabalhos na 4^a Bial Internacional de Arquitetura de São Paulo. 1999. Disponível em: <http://www.uol.com.br/bienal/4bia/salas/pao_16.htm>. Acesso em mai.2000.

PREFEITURA Municipal de Maringá. *Dados municipais*. 2001. Disponível em: <www.maringa.pr.gov.br/>. Acesso em: jul.2001.

YAMAKI, H. Cidades novas norte paranaenses. In: Seminário de História da Cidade e do Urbanismo, 6, 2000, Natal. *Anais...*Natal: UFRN, 2000.

Received on August 14, 2001.

Accepted on October 26, 2001.